

Estrela

Íris tem um nome secreto que sua mãe sussurrou no seu ouvido assim que a enfermeira a colocou em seus braços, embrulhada no pano desbotado do hospital, já limpa do branco do vernix e do vermelho do sangue, e que repetiu quando ela tinha dez anos, desta vez uma mancha vermelha crescendo devagar na gaze enrolada na cabeça. A ferida não foi grave, mas Íris ganhou uma cicatriz: uma linha seguida de um ponto — uma exclamação na horizontal, ou a letra N em código Morse, justo a inicial de seu nome secreto. Quando se sente angustiada, ela tem a mania de passar os dedos pela cicatriz, e de se imaginar N_____.

Não é que deseje ter esse outro nome, mas Íris acha que, se fosse N_____, seria diferente. Saber ia falar com as pessoas, seria boa no vôlei. N_____ talvez tivesse nascido na Tchecoslováquia.

Íris sempre quis ir à Tchecoslováquia. Ela imagina florestas escuras e neve e pessoas altas e corajosas e salas com espelhos e lustres de cristal. Tchecoslováquia, Polónia, Iugoslávia, União Soviética. A Polónia, pronunciada por seu avô assim mesmo, com o “ó” aberto, é fria e musical e cinzenta na sua cabeça, a não ser pelos cartazes vermelhos da Solidarność iguais aos do broche que ganhou de alguém. A União Soviética

tica é a terra de ginastas e bailarinas, de ursinhos tristes, do Lênin e do Trótski e de outros homens e mulheres sérios de chapéu de raposa. E de *vinte milhões de russos mortos para barrar Hitler*. Íris imagina esses vinte milhões de soldados enfileirados ao longo de uma fronteira, agachados mastigando o couro da sola dos sapatos que, segundo seu avô, eles comiam porque não tinha outra coisa.

A sola dos sapatos de Íris é de plástico. Os sapatos são inteiros de plástico rosa e têm cheiro de chiclete, mas, se ela tivesse que comê-los para sobreviver, estaria frita. Não servem para comer e nem para praticar ginástica olímpica. Mesmo assim, ela se dependura pelos pés no trepa-trepa da praça diante da sua casa. Olhando o mundo de cabeça para baixo, imagina-se diante do júri. O senhor fumando no banco ao longe lhe dá nota 10, a senhora que leva o cachorro para fazer cocô na grama lhe dá um 9,8 — e mais um 10 do menino balançando desde que ela chegou na praça. Agora é esperar as notas da rival romena. Mas logo a Bete passa a caminho do ônibus, diz para ela entrar, que o jantar já está na mesa e sua mãe está esperando. A medalha vai ter que ficar para amanhã.

Íris senta-se à mesa como está, braços e pernas marrons de terra, com listras mais claras por onde escorreu o suor. Sua mãe já está comendo salada sob o facho do lustre da copa, a única luz acesa na casa, o roupão xadrez grande demais. Íris come o mais rápido que consegue. Quer ir logo ver novela, telefonar para a Violeta ou para o seu pai — telefonar para a Violeta e para o seu pai —, praticar a bananeira sem apoio, tomar banho gelado e se enfiar debaixo do cobertor.

A mãe de N____ a mandaria lavar as mãos, perguntaria como foi a escola. A mãe de Íris continua lendo o livro apoiado na mesa, sem se importar com os grãos de arroz que caem e deixam manchas translúcidas nas páginas.

Íris engole a torta de frango, salta da cadeira em menos de cinco minutos.

No telefone com seu pai, Íris conta que fez três gols no jogo de ontem, pede que desta vez ele traga o *Asterix* em alguma língua que ela entenda, que a leve com ele, mas já sabe que ele não vai querer. De aniversário ela pede um são-bernardo para que, quando nevar, ele a resgate caso ela suma.

Seu pai diz que, se nevar no Brasil, não vai ser um cachorro que vai salvá-la, pergunta se a sua mãe saiu de casa ultimamente, diz que a *nonna* vai passar no sábado para escolherem o vestido do casamento da tia Lena. Íris não queria isso, não queria deixar sua mãe sozinha. Queria fazer como no último sábado. Brincar de acampamento na cama dela, levar pipoca e latas de patê e vidros de azeitona e torradas e as duas passarem o dia dormindo e lendo e comendo. Ela faria massagem no pé de Cecília e passaria aquele creme de tigre para dor de cabeça e um tratamento de beleza de abacate amassado no cabelo e depois o perfume de ipê e então elas veriam o filme que estivesse passando no *Corujão* e dormiriam abraçadas. Íris gosta de abraçar a mãe quando ela está dormindo, sentir o cheiro de pão e incenso no cabelo dela, gosta da cara da sua mãe quando dorme — ela parece mais nova, quase uma irmã.

N_____ teria uma irmã mais velha e talvez uma mais nova. A mais velha seria linda e um gênio da matemática, e a mais nova cantaria como um anjo e morreria cedo, como a Beth de *Mulherzinhas*.

Mas não tem escapatória no sábado, então Íris deixa sua avó escolher o vestido azul-turquesa e o sapato combinando e diz que não quer sobremesa e antes das três está de volta em casa. Ela

entra correndo pelo portão só encostado e Cecília está estendida numa cadeira de praia enferrujada na rampa da garagem, lendo jornal com os óculos escuros. Íris não sabe se comenta ou não que a mãe está de roupa pela primeira vez em semanas — o *kaftan* amarelo que o pai de Íris dizia que a deixava com cara de mexicana, uma mexicana *muy guapa*. Decide não falar nada da roupa, mas acaba sem saber o que mais dizer.

“Acabou a luz, vim ver se o cabelo seca no sol”, diz Cecília.

Ela senta do lado de sua mãe, pega um pedaço do jornal e elas passam um tempão assim: Íris de olhos apertados para enxergar os quadrinhos na luz do sol enquanto Cecília vez por outra suspira com alguma notícia. Então Íris começa a suar e pensa em buscar uma água gelada, mas tem medo de sair dali e bem nessa hora sua mãe levantar, mudar de ideia, voltar para o quarto. Ela fecha os olhos e depois os tapa com o braço, porque não gosta do vermelho que enxerga, e sente o cheiro de cloro que parece nunca ir embora por mais que se esfregue, e ouve o barulho da mangueira de algum vizinho lavando o quintal, de alguém que ri do outro lado da rua, e quando abre os olhos de novo, sua mãe está olhando para ela, sorrindo, o jornal na mão.

Íris agora gosta de andar no Fusca porque já tem onze anos e desde o ano passado Cecília a deixa ir na frente, então ela pode abrir a janela e mudar a estação do rádio. Sua mãe não quis contar pra onde estão indo, mas ela já desconfia. Cecília nunca foi muito boa de surpresas, e nem de memória, porque conta muitas vezes as mesmas histórias. Agora, por exemplo, está contando a história de seu bisavô Sacha, enquanto Íris desenha estrelas de seis e de cinco pontas no vidro embaçado do carro e depois as apaga com a mão.

Íris reconhece o caminho: o cheiro enjoativo da fábrica de comida na Marginal, o pedágio, a névoa quando começam a descer a serra, os onze túneis, a fumaça branca das chaminés de Cubatão. Sabe que sua mãe vai falar dos bebês que nasceram sem cérebro por causa da poluição e depois sobre os agrotóxicos — e ela fala mesmo —, mas logo Íris adormece e, quando acorda, está sozinha no carro, iluminada pela luz branca do Rancho da Pamonha, três homens fumando encostados no capô do carro ao lado. Sua mãe tem mania de deixá-la sozinha nos lugares. “Eu confio em você”, é o que ela diz sempre, mas Íris preferia que ela não confiasse.

N_____ não teria medo de ficar sozinha no carro nem em casa, mesmo de noite, e nem com a sua bisavó Agnes, que não fala mais nenhuma palavra. Cecília diz que é melhor que ela não fale, porque antes de desaprender andou falando demais. Por isso não deixam a bisavó sair de casa há quase dez anos; primeiro porque falava demais e agora porque não fala. E também não anda, não faz nada. Fica lá sentada no sofá olhando para o quadro amarelo. De vez em quando, alguém deixa Íris com ela e com a Neide, mas aí a Neide aproveita que tem alguém em casa para fazer compras ou ir à Caixa. Íris não gosta de ficar sozinha com a sua bisavó, porque ela às vezes grunhe e não dá pra saber se está se engasgando ou se está brava ou quer alguma coisa. Só a Neide a entende. Então Íris fica ali parada lendo algum volume de O Mundo da Criança e esperando. Isso porque uma vez ela colocou uma das toalhinhas de crochê do sofá na cabeça e foi caminhando pela sala em passos pequenos — ela era uma velhinha indo a um enterro — e a sua bisavó se levantou e foi cambaleando na sua direção e tropeçou na mesa de centro e caiu e foi horrível. Nada mais horrível do que uma pessoa velha grunhindo, estendida no chão, enquanto o sangue escorre da ferida da perna para o tapete bege. Afinal, a Neide

chegou logo e deu tudo certo, nem precisou dar pontos. Depois, a Neide explicou que d. Agnes não suporta quando alguém tira as coisas dela do lugar, então Íris agora quando vai lá fica sempre imóvel, só virando as páginas, até a Neide chegar.

Os homens que fumam do outro lado do vidro riem alto e Íris pula para o banco de trás e tenta mentalizar uma coisa boa, como o lama Chengpa ensinou. Primeiro imagina uma colina toda verde e ensolarada com uma árvore carregada de maçãs no topo, como nos desenhos que faz quando tem que ficar esperando, por exemplo, no dentista ou no trabalho do seu pai. Pensa que queria ver uma macieira ao vivo, e lembra do dia em que seu pai escapou de uma reunião e a levou para tomar coca-cola na esquina. A ida foi cansativa porque o Instituto fica numa ladeira, mas na volta ela deslizou com a sola de plástico na calçada de pedra segurando a mão seca e quente dele — e agora sim a mentalização dá certo, porque quando Cecília abre a porta do carro, Íris sente o café no hálito dela e o cheiro doce de milho vindo de fora, mas nem percebe que os homens que fumavam não estão mais lá.

O rádio não pega nesse pedaço de estrada e Cecília cantarola baixinho enquanto dirige devagar por causa da neblina. Pela janela de trás só dá para ver a lua embaçada seguindo o carro, e Íris fecha os olhos e imagina o homem velho da música de sua mãe se transformando num leão e a esquina de sua casa num abismo. Quando acorda, sua mãe está abrindo a janela para jogar fora a bituca do cigarro, e o ar que entra já é quente e úmido.

Desde que o Pedro morreu que elas não vinham à praia. Quando chegam na casa, a luz da sala está acesa e a porta se abre antes mesmo de descerem do carro. A d. Vera, vestida como se

não fosse o meio da madrugada, conta que fez o bolo de banana que a Íris gosta, que a Flecha teve uma ninhada, que o seu Zé já trocou o chuveiro. Íris repara que tem alguma coisa diferente, mas é só quando sua mãe menciona as flores que ela percebe os dez vasos espalhados pela sala, com margaridas e rosas e outros tipos de flor que Íris não sabe o nome.

“Pra alegrar um pouco”, diz a d. Vera. Cecília diz que bem que se vê que a casa está em boas mãos, e Íris fica aliviada que ela tenha dito isso, porque sabe que sua mãe na verdade não gosta de flores cortadas. Só que, atrás dos vasos, a casa é igual a antes, e ela olha para o pôster do olho preto com um rasgo bem na letra R e percebe que não quer mais ver esse filme porque não vai ser com o Peu. Entende que muita coisa vai ficar faltando.

N___ teria vários parentes mortos em várias batalhas, mas o Pedro é a primeira pessoa a morrer na vida de Íris.

Íris estava na escola quando o Pedro morreu, seu tio Pedro, que só ela chamava de Peu. Quando a secretária entrou na classe com aquela cara e um papel na mão, Íris e pelo menos mais seis crianças torceram para não ser com elas. Mas foi na direção de Íris que a professora olhou.

O pai de Íris não a esperou no portão: quando ela saiu, ele estava no pátio com a mesma cara da secretária, a abraçou e disse que tinha uma notícia triste.

Não era possível que o Peu tivesse caído. Ele surfava e escalava montanhas e nunca caía e foi ele quem ensinou Íris a andar de bicicleta. E não pode ter se jogado porque, além de levá-la para ver *O anjo exterminador*, ele tinha prometido que, quando ela fizesse dezoito anos, ia ensiná-la a dirigir carros e aviões e até

um zepelim se ela tivesse coragem. Mesmo ele estando muito triste, como sua mãe falou.

Mas o Peu não era triste. Ele estava sempre rindo e inventando coisas para fazerem juntos, e mesmo de manhã bem cedo na praia, quando ela acordava, ele já estava de pé fazia tempo e a ensinava a dar nós que não desatavam, ou saía com ela para caminhar e depois procuravam juntos na enciclopédia mofada o nome das conchas e sementes e folhas que tinham catado. Sua mãe é que chorava toda hora, mesmo antes de o Peu morrer, nas brigas e nos filmes e nas passeatas e quando ouvia música na sala de noite. Íris ficou com raiva de sua mãe achar que o Peu tinha se jogado, mas Cecília a pôs no colo e disse que as piores tristezas são as que estão tão misturadas na gente, que não conseguem mais sair pelo choro nem por nenhum lugar.

Íris chorou um dia inteiro sem parar quando o Peu morreu, e mesmo assim, no dia seguinte, a tristeza ainda não tinha saído dela, e nem depois do enterro e de não-sei-quantas-noites. De repente pareceu que sim, mas agora na casa da praia ela percebeu que ainda estava lá, só que agora a tristeza não era só vontade de chorar, era uma espécie de fome ao contrário, uma coisa que se fechava, e Íris ficou pensando se um dia isso ia sair e por onde.

Quando foi se deitar, Íris notou a porta do quarto do Peu fechada e sua mãe disse que ia dormir com ela no beliche, que ela podia escolher em cima ou embaixo. Ela subiu a escadinha e cobriu a cara com a colcha de crochê como sempre fazia, tentando encaixar as manchas do teto nos quadradinhos vazados.

Pedro morou muitos anos ali, mas a dona da casa é Agnes, a bisavó muda de Íris. Nos armários, pranchas e neoprenes farelentos e jogos de tabuleiro desbotados e restos de lona para almofadas nunca feitas e muitos, muitos cadernos idênticos de

capa vermelha com cálculos e coisas escritas em cirílico, coisas de Sacha, o bisavô de Íris, que ninguém sabe ler, mas que Agnes não deixava ninguém jogar fora.

Quando Íris acorda no domingo, sua mãe está tirando os cadernos do alto do armário, com o rosto todo empoeirado. Ela não conta o que está procurando, então Íris vai tomar café. Na mesa, uma rosa pequenina como a da música. Ela não gosta daquela flor e aproveita que a d. Vera está varrendo a varanda para jogá-la no lixo, bem no fundo, embaixo da borra do café e das cascas de laranja. Então volta e molha o bolo no leite, inclinando a xícara para desviar da nata até terminar vencedora, com a película branca intacta, cabendo certinho no fundo redondo.

Os filhotinhos da Flecha não estão na varanda e o chão de lajota queima seus pés, então ela pula para a grama e depois corre até a areia que começa quente e branca e fofa, mas logo vai endurecendo e esfriando até virar um espelho macio e escuro e, depois, o mar.

A água no raso é morna e Íris fica parada sentindo a areia marrom erodir ao redor de onde ela pisa a cada marolinha que vem e vai. Lá longe dá pra ver alguém nadando. Algum surfista. Íris não viu o Peu morto, o caixão estava fechado, e às vezes ela pensa que se enganaram, que o Peu está vivo e foi um outro que caiu da janela do apartamento, e que um dia desses ele vai aparecer. O homem na arrebentação tem o cabelo escuro demais, não pode ser ele. Íris pede um sinal. Se a próxima marola cobrir esse buraquinho de siri, o Peu está vivo. A água vem forte e passa pelos seus pés e Íris fica imaginando onde será que ele está, enquanto contempla a bolha de ar que escapa do furinho na areia.

O enterro do Peu demorou para acontecer porque precisaram fazer uma autópsia e porque tiveram que esperar o Carlos che-

gar dos Estados Unidos. Íris só lembrava de ter visto seu tio Carlos uma vez na vida e foi muito estranho vê-lo de novo porque, apesar de ser gêmeo idêntico do Peu, ele era muito diferente. Um Peu mais seco e mais cinza. Em casa, depois do enterro, Íris deitou a cabeça nas pernas de sua mãe enquanto o Carlos contava da única visita do Pedro aos Estados Unidos.

Íris lembrava dessa viagem porque o Peu mandou vários cartões-postais e trouxe vários presentes pra ela: um lápis de borracha tão comprido que dava para dar nó, umas nozes iguazinhas às que os esquilos dos desenhos animados guardam, a fita “David Bowie”, do David Bowie, e uns papéis de carta que sua prima Rosa tinha mandado pra ela.

O Carlos contou das caminhadas dos dois na neve, de um acidente com uma faca de cozinha abrindo ostras e das enfermeiras encantadas com o Peu. Nessa hora Íris desistiu de ouvir de olhos fechados porque a voz, sim, era muito parecida.

Seu tio também contou que um dia o irmão voltou entusiasmado com um farol que tinha encontrado, ocupado por um faroleiro velhinho prestes a se aposentar. Cismou que ia ocupar o lugar dele: comprou um sextante, ficou semanas estudando cartas náuticas, nomes de embarcações, códigos de comunicação por rádio.

Íris lembrou do cartão que tinha recebido com a pintura de um farol.

Dear Íris,

Neste farol mora meu amigo, o sr. O'Hara. Ele cresceu no Kansas no meio de muitas tempestades de raios, então aprendeu desde cedo que não adianta guardar os pratos com friso dourado para uma ocasião especial porque a qualquer momento, PUF!, Zeus pode te usar para treinar sua pontaria.

Beijos elétricos do SEU P...

Afinal, o Pedro não conseguiu ser faroleiro porque não era cidadão americano, foi o que seu tio disse. E nessa hora ficou um silêncio e Cecília pôs a mão no joelho do irmão: “Não foi isso, Carlinhos”.

A perna do Carlos também era igual e tão diferente da do Peu. Faltava a cicatriz, o risco que ia do pé ao joelho. Faltava também a cor dele. Íris pensou que o Carlos era uma versão branco e preto do Peu e lembrou dos flamingos, que nascem cinzentos e só ficam cor-de-rosa porque comem camarões, e também que talvez o Peu tenha achado um outro farol pelo mundo e até tenha mandado uma carta para avisar, mas ainda não deu tempo de a carta chegar, ou o correio perdeu, e só quando ele vier para o Natal ou para algum aniversário é que eles vão saber que foi tudo um mal-entendido. Se sua mãe terminar o cigarro antes do Carlos, é porque o Peu está vivo.